

Resistências e recusas: a cultura LGBT contrapondo-se a homofobia em Uberlândia

Edmar Henrique Dairell Davi

... nós somos sempre livres e
há sempre a possibilidade de
transformar as coisas.

Michel Foucault

Resumo: Este texto tem o objetivo de apresentar a cultura LGBT de Uberlândia e suas estratégias de luta contra a violência e a homofobia. Discute-se como o riso, os eventos e as revistas criadas pelo meio LGBT constituem fatores de contraposição ao preconceito e à discriminação.

Palavras-chave: Cultura LGBT. Homofobia. Resistência. Uberlândia.

Abstract: This text has the objective to present the culture LGBT from Uberlandia and their strategies to fight against the violence and homophobia. Discuss how the laughter, the shows and the magazines make by the LGBT culture building factors of contraposition from the prejudice and discrimination.

Keywords: Culture LGBT. Homophobia. Resistance. Uberlandia.

Doutorando em Psicologia pela FFCLRP/USP, bolsista CAPES e membro no Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher – NEGUEM/UFU. E-mail: edmardavi@hotmail.com.

2 PERROT, M. *Os excluídos da história* – operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

¹ PERROT, M. *Os excluídos da história* – operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

² GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

³ CHAÚÍ, M. *Conformismo e Resistência*. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Já se vão alguns anos, desde que os (as) historiadores (as) passaram a se preocupar com a vida de indivíduos que antes não possuíam nem nome nem identidade perante a historiografia. Pessoas que entre gritos e danças, desenhos e textos, histórias e contos, exibiam sua grandeza humana, grandeza criadora. Gente que desafiava, com a altivez da batucada, das palavras de ordem e da explosão do riso, as mil agruras de um cotidiano difícil.¹

Muitos (as) pesquisadores (as) têm atentado para o modo como determinados povos, considerados oprimidos ou subordinados, reagem às formas de dominação. Através de diversas investigações, observou-se que aqueles considerados dominados não são tão passivos assim, e, que as formas de opressão encontram-se diluídas ou deturpadas por eles. A sociedade e a cultura deixaram de ser percebidas de maneira dicotômica, sendo pensadas a partir da noção de cruzamento, de complementaridade ou, conforme Carlo Ginzburg, de circularidade.²

Nesta perspectiva vale destacar os trabalhos de Mikhail Bakhtin, Carlo Ginzburg, dentre outros (as) autores (as) que apontaram os mecanismos utilizados pelas pessoas “comuns” para resistir à opressão sofrida no cotidiano. Marilena Chauí ao discutir as formas de resistência e o conformismo no Brasil, parte também dos mesmos pressupostos. A citada autora, não trata a cultura popular brasileira, pelo prisma da totalidade que se põe como antagônica à totalidade dominante. Mas, como um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria, distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência.³

Chauí considera que na cultura popular brasileira existe um jogo interno entre o conformismo, o inconformismo e a resistência. Sendo um dos aspectos mais interessantes da cultura popular, a maneira como as pessoas “comuns” ou os (as) “dominados (as)” se apropriam da cultura instituída e das informações de massa, imprimindo-lhes um sentido inesperado⁴. Este tipo de resistência pode ser difusa, como na irreverência do humor anônimo, como também, localizada, em ações coletivas ou grupais. Práticas dotadas de uma lógica que as transforma em atos de

resistência como, por exemplo, a inversão dos papéis sexuais no Carnaval ou a satirização da imagem de autoridades oficiais.

Os (as) homossexuais, como outros tipos sociais, foram recuperados (as) pelos (as) historiadores (as), suas vidas, cerimônias e costumes. Passou-se a analisar o modo de vestir, de falar, os ambientes que frequentam, como também, a violência que sofrem no seu dia-a-dia. A cultura LGBT – lésbicas, gays, bissexuais e transexuais/travestis- tornou-se objeto de pesquisas, mas, é necessário dar aos indivíduos que compõe este meio o seu lugar de sujeitos na história e apresentar de que maneira eles (as) resistem a homofobia a partir de elementos do seu cotidiano. Por meio de músicas, representações teatrais, textos anônimos, inversões, performances e utilizações jocosas de signos do poder, os (as) homossexuais demonstram sua resistência a situações que lhes são opressivas. Valendo-se de metáforas, explorando sua criatividade, tendo o riso, a arte, a linguagem, a música e outros elementos como arma, procuram reagir às diversas formas de opressão que sobre eles (elas) incidem. Não são, portanto, passivos (as) e impotentes, nem ficam à mercê de forças históricas externas e dominantes. Pelo contrário, desempenham um papel ativo e essencial na criação de sua própria história e na definição de sua identidade cultural e sexual.

Durante os anos 70 do século XX, vários foram os protestos realizados por grupos homossexuais no Brasil e em outros países do mundo. As reivindicações dos gays e das lésbicas brasileiras se pautaram na busca da diminuição do preconceito e da violência, principalmente, por parte da polícia que prendia e maltratava os (as) homossexuais dos grandes centros urbanos. Uma grande marcha foi realizada no ano de 1978 na cidade de São Paulo, para protestar contra a intolerância que a força policial demonstrava com relação aos homossexuais, michês, travestis e prostitutas.⁵

Várias foram as manifestações que os grupos homossexuais realizaram com o intuito de combater a discriminação. A década de 1980 foi transformada em palco de luta contra a Aids, e os (as) homossexuais se apresentaram como importantes personagens nos tempos da epidemia, auxiliando nas campanhas de

⁴ Idem.

⁵ Ver: MACRAE, E. *A construção da igualdade. Identidade sexual e política no Brasil da 'abertura'*. Campinas: UNICAMP, 1990; e GREEN, J. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

⁶ PARKER, R. *A construção da solidariedade: Aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ ABIA, 1994.

⁷ Rio cria 'esquadrão gay' para atacar agressores. In: *Folha de São Paulo*, 13 de agosto de 1997.

⁸ *ABC dos gays*. 2. ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1996, 43 p.

⁹ CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. As artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 41.

prevenção e orientação⁶.

Na década seguinte, a homofobia remanescente e visível no dia-a-dia, o preconceito institucional e a resistência de alguns setores sociais em reconhecer os direitos específicos dos (as) homossexuais constituíram os temas de discussão do meio gay. No Rio de Janeiro em 1997, o grupo Atobá chegou a formar um "esquadrão gay", que saíria na noite carioca para revidar agressões de que têm sido vítimas integrantes do movimento homossexual.⁷

Medidas menos drásticas têm sido adotadas por outras organizações não-governamentais - ONGs, para se contrapor à violência. Cartilhas, guias, panfletos, dentre outros documentos são confeccionados e distribuídos aos (às) homossexuais a fim de orientá-los (as) sobre o modo de se comportar na rua, nos locais gay ou em situações onde possa emergir o preconceito. Em 1996, o GGB lançou o *ABC dos Gays*, um livreto que, dentre outros aspectos, busca desenvolver a auto-estima, a cidadania e a promoção de práticas sexuais seguras de prevenção à Aids para homossexuais.⁸

Na cidade de Uberlândia, percebemos diferentes modos dos (as) homossexuais se contraporem a homofobia. Como muitas pessoas não freqüentam ou fazem parte de entidades de defesa dos direitos de gays e lésbicas, torna-se relevante observar as atitudes usadas para driblar a discriminação presente no trabalho, na família e em outros setores da vida. Busco para tanto, as discussões de Michel de Certeau presentes em seu livro *A Invenção do Cotidiano* que trata das práticas utilizadas pelas pessoas para fugirem dos mecanismos do poder e da opressão. Conforme Certeau:

Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da 'vigilância', mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também "minúsculos" e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que "maneiras de fazer" formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou "dominados"?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política⁹.

A clandestinidade produziu as características mais marcantes da cultura LGBT: a linguagem e o humor. O vocabulário cheio de nuances sobre o amor, a paquera, mas também, sobre a timidez, a angústia, o medo e os perigos, constitui algo *sui generis*. A linguagem que perpassa o meio homossexual parece ser uma forma complexa utilizada por gays, lésbicas e travestis no seu cotidiano. Os significados das palavras se desenvolvem a partir de três motivações: tornar imediata a identificação entre os gays; o que lhes possibilita estreitar rapidamente laços de solidariedade; evitar que os homossexuais sejam compreendidos por “inimigos” em situações de perigo; como batidas policiais nos redutos de travestis; e servir de válvula de escape para as pressões cotidianas. Muitos dos termos que os gays adotam se caracterizariam pelo tom jocoso, permitindo-lhes zombar dos problemas que sofrem. “Subir o silicone à cabeça”, por exemplo, significa ficar com raiva ou nervoso (a).¹⁰

O código de linguagem apresenta-se como uma tática que, conforme Certeau, possibilita aos “fracos”, pequenas vitórias sobre os “fortes” ou momentâneos sucessos dos subordinados contra os opressores. Assim, nos mostra o travesti Luciane que utiliza um vocabulário bem peculiar para evitar assaltos ou avisar às demais sobre a chegada da polícia:

Mona em nossa língua é travesti; ocô é homem; mariconas são os fregueses que saem com os travestis, seja ele ativo ou passivo; amapô que é a mulher, tem alibã que toda traveca odeia, que é a polícia (...). Depois a gente vai aperfeiçoando mais, por exemplo, hoje nossa língua, que é nossa conversação, tá muito batida, têm muitos fregueses que já percebem o que a gente fala. Por exemplo, se eu disser: Mona! A mona acá vai agüentar o ocô para azuela o aqué dele. No caso eu disse que estava avisando para uma amiga minha que ia pegar o rapaz, o cara no caso, ia sair com ele para poder roubar o dinheiro dele. Então, conforme for o parceiro, ele percebe o que estou falando e para ficar mais difícil e mais complicado para ele, eu pego e digo o seguinte: “se malássima mossi, matássima ocô, se malássima quendássima, malássima aquendá o aqué”. Então, ele fica perdido, a gente fala se malássima matássima, a gente fala se malássima na frente e usa a palavra, se matássima usa outra palavra, para ele ficar perdido (...)¹¹. (sic)

¹⁰ Dicionário de termos gays gera controvérsia. *Folha de São Paulo*, 08 de janeiro de 1997, p. 21.

¹¹ Entrevista com o travesti Luciane. Dezembro de 2003. Arquivo pessoal.

¹² MACRAE, E. *A construção da igualdade*. Identidade sexual e política no Brasil da 'abertura'. Op. Cit.

¹³ SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ ISER, 1993.

¹⁴ Entrevista com o travesti Verônica. Dezembro de 2003. Arquivo pessoal.

Além do rico e complexo vocabulário, os (as) homossexuais também se valem de outras práticas cotidianas para resistirem a homofobia. As redes de amizade constituem um importante aspecto na vida dos gays a partir do qual eles obtêm suporte social. Outras pessoas, ainda por sua marginalidade ou pelo distanciamento dos sistemas de apoio familiares tradicionais, constroem redes sociais alternativas do tipo familiar e encontram apoio econômico e psicológico com amigos que compartilham seus desejos sexuais¹². Além do mais, as correntes migratórias de homossexuais masculinos de cidades menores para Uberlândia acabam por facilitar a composição dessas redes. Para muitos jovens que fugiram do controle e condenação da família, dos parentes e de uma cidade pequena em busca do anonimato das metrópoles, a amizade baseada numa identidade compartilhada e em experiências eróticas similares propicia laços mais fortes que os sanguíneos.

Os travestis, por exemplo, não rivalizam com as prostitutas, pois, atuam em zonas bem delimitadas e possuem clientela distintas. Este tipo de postura favorece a aliança frente às ameaças comuns. Laços de solidariedade entre prostitutas e travestis são estabelecidos quando há confronto com a polícia e com *playboys*, existem denúncias de abusos do poder de polícia, ou ainda, em casos de ferimento e cuidados médicos¹³.

Fora da "área de trabalho", nas relações de vizinhança, a mulher é a amiga, com quem os travestis uberlandenses podem trocar elementos simbólicos do universo feminino. No depoimento de Verônica podem ser vislumbrados esses elementos.

Toda bicha tem uma mulher como amiga porque a mulher não vai aprontar com o viado. Um homem quando procura um viado está a fim de uma coisa ou de outra: ou transar com ele, ou aprontar com ele. Uma bicha nunca é amiga da outra, amiga mesmo, porque muitas das vezes está de olho no bofe dela, ou para simples pirraça. Já a mulher não é boba de fazer uma coisa nem outra. Só nós e os homens sabemos o que um viado é capaz de fazer na cama. Temos armas infalíveis para tomar um bofe de qualquer perua¹⁴. (sic)

Numa outra perspectiva teórica desenvolvida por Roger Chartier, temos o conceito de apropriação. Esta noção enfatiza as práticas que se apropriam de forma diversa dos materiais que circulam numa determinada sociedade, dando lugar a usos diferenciados e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas idéias.¹⁵ Tais práticas de apropriação cultural podem ser reconhecidas como formas diferenciadas de interpretação, acentuando Chartier a impossibilidade de se sustentar a existência de correspondências estritas entre dicotomias culturais e hierarquias sociais. Tal perspectiva não impede, contudo, que se identifiquem diferenças. O autor também acentua a importância de se atentar para outras demarcações, além daquela puramente de classe, como entre homens e mulheres, homo e heterossexuais, citadinos e rurais, entre gerações, dentre outras. Como exemplo, podemos citar a imagem da “bicha louca” – ao mesmo tempo o estereótipo da representação que os (as) heterossexuais fazem da homossexualidade e da realidade do estilo de certos homossexuais – que reúne todos os elementos dos preconceitos anti-homossexuais e do humor do meio.

A partir do conceito de apropriação podemos considerar que os (as) homossexuais fazem uso de outras formas, além do vocabulário e das redes de amizade, para se contrapor ao preconceito social. Em muitas situações percebe-se que os (as) integrantes da cultura homossexual invertem o estigma do qual são objeto no cotidiano. Esta inversão ocorre, por exemplo, nas paródias que os transformistas; homens que se vestem de mulher, realizam nos bares e boates gay. É aí central a apropriação, mais ou menos humorística, de muitas das imagens presentes no discurso homofóbico e, em especial, da feminização implícita nessas imagens: um exemplo particularmente evidente é o tratamento mútuo no feminino, que é um hábito irônico constante dentro do meio, e em especial o insulto no feminino.¹⁶

Desde os anos 70 do século XX, que a inversão dos papéis sexuais, através da maquiagem, roupas e acessórios, constituem uma forma de ir contra a opressão. O fim dos anos 60 e início da década de 1970 tornou-se uma época de revolta política e social. As idéias da contracultura haviam penetrado no Brasil e

¹⁵ CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. HUNT, L. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

¹⁶ MACRAE, E. Em defesa do gueto. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo: CEBRAP, nº 2, 1983.

¹⁷ MACRAE, E. *A construção da igualdade*. Identidade sexual e política no Brasil da 'abertura'. Op. Cit.

¹⁸ TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*. A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 2 ed., São Paulo: Max Limonad, 1986.

¹⁹ FRY, P. e MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 111.

²⁰ PAIVA, E. F. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

influenciavam muitos jovens da classe média. Entre os novos desafios aos valores sociais hegemônicos estava o uso de drogas, a rejeição à sociedade de consumo – que era promulgada pela política oficial - e a desestabilização dos códigos sexuais, especialmente nas questões da virgindade feminina antes do casamento e da heterossexualidade normativa para homens e mulheres. Os grupos teatrais, como o Teatro Oficina, faziam o público de classe média confrontar-se com cenas sexualmente explícitas que, de alguma forma, conseguiam passar pela censura.¹⁷ O Tropicalismo, com Gil, Caetano, Maria Bethânia e Gal Costa, trazia à cena a imagem de uma sensualidade despudorada, e seus membros não faziam questão de desmentir as especulações sobre suas relações homossexuais. Todas essas mudanças ajudaram a criar um clima favorável ao questionamento de conceitos de gênero tradicionais. No começo da década de 1970, a figura unissex, popularizada por Caetano e outros em 1968, foi levada ainda mais longe por outros artistas, de modo mais notável pelo grupo de teatro Dzi Croquettes e o cantor Ney Matogrosso. Ambos usavam o desvio de gênero e a androginia para desestabilizar as representações padronizadas do masculino e do feminino. Seus shows refletiam uma ampla aceitação social, entre o público de classe média, de representações provocativas de identidades gênero.¹⁸

Peter Fry e Eduard MacRae, relacionam a cena da mulher no palco estrelado pelo travesti transformista como deboche crítico à artificialidade e rigidez cultural dos “papéis sexuais”. *Não necessariamente manifestando um desejo de realmente virarem mulheres fúteis e sim ridicularizando os papéis*¹⁹.

É o que podemos observar na figura 1, que mostra a apresentação de um transformista em um bar gay da cidade. A figura alta e esguia combina o glamour e a beleza do universo feminino, representados no vestido longo e na peruca escura, com os músculos e os membros desenvolvidos, representativos do sexo masculino.

A análise de fotografias, como também, o uso da imagem, da iconografia e das representações gráficas pelo historiador vem propiciando a apresentação de trabalhos renovadores e instigando novas reflexões²⁰. O uso de fotos para apresentar e investigar a cultura

homossexual se justifica na medida em que este meio faz um grande uso das imagens para se promover ou se mostrar. Consideramos que as fotos, os cartazes, os panfletos e *folders* das boates, os informativos, dentre outros constituem registros históricos que devem ser percebidos como fontes documentais. Para o (a) historiador (a) das imagens é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. Existem lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos.

Todo material produzido pelo meio homossexual é sempre resultado de escolhas, seleções e olhares de seus (suas) produtores (as) e dos demais agentes que influenciam esta produção. A figura 2, por exemplo, mostra outro transformista, mais jovem, que traz elementos diferentes daquele mostrado acima. O jovem utiliza o couro na roupa e nos adereços e também no chicote, demonstrando referência à moda gay-macho²¹, surgida nos EUA, e que chegou ao Brasil no final dos anos 80 do século XX. O corpo malhado do segundo retrata o *body building*²² que tomou conta do meio gay em vários países, inclusive no Brasil. O apelo sexual desta apresentação contrasta com a do primeiro transformista, que se espelha nas estrelas do cinema americano dos anos 70 e 80.

Outro exemplo pode ser retirado da análise do cartaz de divulgação do “Futebol das *Drags*”. Este evento, realizado nos anos de 2001 e 2002, consiste em uma partida de futebol onde o público leva como ingresso alimentos que serão doados a portadores (as) do vírus HIV e onde se procura conscientizar as pessoas dos direitos das pessoas homossexuais soropositivas. No cartaz (figura 3), temos a imagem de uma *drag-queen* segurando uma bola de futebol, o que em alguns períodos da história, faria este tipo de folheto de divulgação ser recolhido pela polícia, sendo considerado contra os costumes ou por violar a moral vigente.

Os contextos diferenciados dão, portanto, significados e juízos diversos às imagens. O distanciamento no tempo entre o observador, o objeto de observação e o autor do objeto também imprime diferentes entendimentos, uma vez que, como já sublinhei, as leituras são sempre realizadas no presente, em direção ao passado. Isto é,

²¹ Refere-se ao uso de determinados elementos do universo masculino, como botas de couro, uniformes, bigodes, barba grossa, adereços de metais, dentre outros na tentativa de afastar dos homossexuais masculinos o estereótipo de homens efeminados.

²² O *body-building* consiste na “construção” do corpo nas academias de ginástica, através dos exercícios físicos e do uso de medicamentos e suplementos alimentares.

²³ PAIVA, E. F. *História & Imagens*. Op. Cit., p. 31.

²⁴ MENESES, I. Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa. *Análise Social*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, n° 153, v. 34, 2000.

ler uma imagem sempre pressupõe partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente, que muitas vezes, não existiram ou eram muito diferentes no tempo da produção do objeto, e entre seu ou seus produtores ²³.

Atualmente, este tipo de evento, o “Futebol das *Drags*”, faz sucesso devido à aceitação pública da qual gozam alguns homossexuais. A estratégia de considerar quem tem práticas homossexuais como efeminado, é usada pelo discurso hegemônico como forma de resolver a questão da existência de homens que não correspondem ao modelo dominante de masculinidade – negando, de alguma forma, essa existência. É uma leitura da homossexualidade que torna tolerável a sua presença, ainda que neste tipo de discurso hegemônico a tendência seja para o afastamento dessa questão.²⁴ Ela surge, justamente, em circunstâncias em que pode ser utilizada daquela forma para o reforço da visão dominante: em circunstâncias mais ou menos ritualizadas, como é o caso do Carnaval, ou nas anedotas e no discurso humorístico em geral. Em qualquer caso, a mensagem é aí, claramente, a de que um homem homossexual não é, de fato, um homem.

Mas esta também é a representação que o meio LGBT uberlandense quer divulgar para alcançar visibilidade e promover, de uma forma ou de outra, o aumento da tolerância e das discussões a respeito dos direitos civis de gays, lésbicas e travestis. É colocando em primeiro plano as *drag-queens*, que se consegue a simpatia das pessoas para a causa em questão, e o caráter festivo do evento suaviza seu possível aspecto reivindicatório. Uma estratégia que objetiva subverter a dominação, utilizando pequenos espaços, através da reapropriação daquilo que os dominadores usam para manter a hierarquização sexual: o estereótipo do homossexual efeminado.

Além da análise do cartaz, devemos considerar aquele evento como uma manifestação de resistência promovida pelos (as) homossexuais. Para além do aspecto da caricatura, o “Futebol das *Drags*”, busca fazer uma releitura de um esporte que tem por base a virilidade e a masculinidade. As *drags-queens* sobre as enormes plataformas, com suas perucas coloridas e forte maquiagem, se apropriam do futebol e

transformam o jogo em uma modalidade de atuação contra o preconceito.

Durante o evento, o riso toma conta do público que se esbalda de alegria ao ver as figuras desajeitadas se equilibrando e correndo atrás de uma bola de futebol. O caráter de brincadeira é o que parece predominar nesse acontecimento. Marilena Chauí, ao discutir a cultura popular brasileira e as formas de resistência que nela emergem, considera que a comédia e o riso são elementos que constituem uma crítica corrosiva, irreverente, desrespeitosa de todas as instituições sociais, da família e do trabalho, dos valores e idéias dominantes. Os alvos preferenciais deste tipo de evento, evidentemente, são a sexualidade e as identidades de gênero, e seus ataques se dirigem, sobretudo, às figuras que oprimem os (as) homossexuais, ou seja, as pessoas machistas. Dessa maneira, segundo Chauí, a comédia e o riso operam a desconstrução dos valores estabelecidos e surgem como avesso revelador da realidade, transformando-se em obra de resistência.²⁵

O que podemos encontrar nas formas de humor gay, citadas acima, longe de funcionar como reforço da visão dominante, é uma manipulação daquela contradição no sentido de lhe dar exposição - jogando com o sexo masculino, o gênero feminino e a homossexualidade -, colocando abertamente em causa os modelos de gênero e sexualidade hegemônicos.

Raquel Soihet, ao analisar as festas populares no Rio de Janeiro no início do século XX, também percebeu que o riso pode transformar-se em instrumento de reação e de subversão das hierarquias sociais²⁶. Conforme a autora, o recurso ao riso como instrumento de crítica revela uma prática muito antiga, que remonta a um período da história da humanidade anterior à própria formação do Estado. Uma qualidade importante do riso nas festas populares, investigadas por Soihet, era a de ser fonte de escárnio dos próprios burladores, o que ressalta o caráter utópico e o valor de concepção do mundo desse riso festivo, dirigido contra toda forma de hierarquização.

O riso que, em muitas situações acaba se tornando um mecanismo de desqualificação dos (as) homossexuais quando surgem nas piadinhas, brincadeiras e zombaria; toma então, sentido inverso. Percebemos desse modo, diferenças na invenção criativa que se

²⁵ CHAUI, M. *Conformismo e Resistência*. Op. Cit.

²⁶ SOIHET, R. *A subversão pelo riso*. Estudos sobre o carnaval carioca da *Belle Époque* ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

²⁷ Entrevista com Joel. Dezembro de 2003. Arquivo pessoal.

²⁸ BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1987.

²⁹ SOIHET, R. A subversão pelo riso. Op. Cit.

encontra no âmago do processo de recepção. Há um uso diferenciado e até oposto de um bem cultural, de uma representação. É o que nos mostra também um dos nossos entrevistados, ao falar sobre o riso no meio homossexual:

Eu penso que o riso e a alegria são escapes que agente usa. A gente faz piada da gente mesmo. Às vezes a gente é tão escrachado, às vezes você tá passando seriozinho na rua e você percebe um risinho, uma piadinha, olha que tem gay que gosta. Se eu tó passando na rua e escuto alguém gritar: ô viado, eu fico com raiva. Se um hetero chegar e falar: ô viado, eu vou ficar puto da vida, vou peitar o cara. Agora com um amigo é diferente. A gente pega aquilo que é de conotação má, negativa e transforma aquilo em piada talvez pra doer menos na gente.²⁷ (sic)

Aliado à questão do riso está a noção do grotesco, daquilo que está além dos aspectos sérios e do controle exercido pelo mundo oficial. Mikhail Bakhtin analisou brilhantemente a cultura popular durante o Renascimento e demonstrou como esta cultura se ligava aos aspectos corporais e suas funções: o comer, o beber, e outras funções naturais como a transpiração, coito, gestação; parto, dentre outras.²⁸

Conforme Rachel Soihet, na cultura cômica popular, os elementos material e corporal são positivados como caráter cósmico e universal, isto é, se encontram acima das hierarquias estabelecidas pelos homens. E o caráter alegre e festivo dessas imagens é o da festa, do banquete, da alegria e da festança. Determina-se pelo “realismo grotesco” o sistema de imagens dessa cultura cômica popular, cujo traço marcante era o “rebaixamento” – a transferência ao plano material e corporal de tudo o que é elevado, ideal e abstrato.²⁹

No meio homossexual, a referência aos aspectos corporais é de fácil observação. No vocabulário, os verbetes relacionados aos órgãos e posições sexuais ocorrem em grande número. E não só entre o meio homossexual, os (as) heterossexuais das camadas populares também possuem diversas formas de denominar tais elementos. Expressões como “traveca esperta só transa com camisinha na neca” são ilustrativas do apelo ao corpo.

Alguns pesquisadores consideram que os recursos corporais e os elementos eróticos excessivos que permeiam o meio homossexual se devem às proibições de contato homoafetivo em locais públicos, restando apenas os ambientes específicos onde o desejo sexual surge com maior intensidade devido às restrições³⁰.

Sobre os locais de frequência homossexual percebe-se que neles seus (suas) frequentadores (as) se sentem mais protegidos (as). Uberlândia, nos últimos 10 anos, teve um crescimento tanto no número quanto na visibilidade desses ambientes.³¹ Boates, saunas, bares, cinemas e outros lugares acabam se tornando refúgios contra a homofobia, pois, possibilitam a constituição de estratégias de resistência.

O incremento no comércio gay favoreceu a visibilidade da homossexualidade na cidade. Sob o patrocínio de alguns empresários, realizou-se em 2002 e 2003 as primeiras paradas do Orgulho Gay na cidade que hoje se encontra na sua 8ª edição³². Também surgiu uma imprensa alternativa que divulga notícias sobre o meio LGBT uberlandense.

As revistas publicadas na atualidade trazem claramente as diferenças históricas daqueles primeiros jornais que surgiram em meados do século XX. Conforme James Green existiram duas gerações de revistas – produções caseiras, informais, no início dos anos 60, e publicações ligadas ao movimento, como o *Lampião*, do fim dos anos 70 – que ofereceram outra via de acesso à vida dos (as) homossexuais brasileiros (as), refletindo momentos diferentes no desenvolvimento de identidades homossexuais variadas.³³

Diferentemente do *Lampião*, por exemplo, que abriu e sustentou a discussão sobre a homossexualidade e teve importância ao difundir a idéia de militância política homossexual, as revistas atuais exploram o potencial de consumo de seu público, como também, procuram levar informações diversas. Várias são as revistas que na atualidade voltaram-se aos homossexuais e alcançaram sucesso de vendagem.³⁴ Contudo, os periódicos que circulam no meio gay uberlandense não se sobressaem pela vendagem, mas pela mensagem inovadora que trazem sobre a homossexualidade a uma cidade marcada pelo conservadorismo.

Percebemos, ainda a edição de inúmeros folhetos de informação e aconselhamento, de temática variada,

³⁰ MACRAE, E. Em defesa do gueto. Op. Cit., e também: POLLAK, M. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In: ARIÈS, P. e BÉJIN, A. (Orgs.) Sexualidades Ocidentais. 3 ed., São Paulo: Brasiliense, 1985.

³¹ Ver os artigos: Gays querem mais espaço e menos preconceito. In: Jornal Correio, 04 de março de 1990; e Homossexuais tem novo “espaço livre”. In: Jornal Correio, 21 de julho de 1991.

³² Homossexuais organizam a 8ª parada do Orgulho Gay. *Jornal Correio*, 19 de setembro de 2009.

³³ GREEN, J. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Op. Cit.

³⁴ Quem mostra vende. *Revista Veja*, São Paulo: Abril, 19 de abril de 2000.

³⁵ O informativo pode ser acessado pelo endereço: www.rotamix.cjb.net.

(desde textos genéricos acerca da homossexualidade até aqueles que abordam problemas específicos, como o modo de proceder à revelação da orientação sexual perante os pais ou o tema da Aids), disponibilizados regularmente em alguns bares. Encontramos um informativo que se destacou nos últimos anos pelo tempo de permanência em circulação. O *Rainbow Mix Magazine* circulou no meio homossexual durante o ano de 2000, sendo formatado em preto e branco, trazendo notícias sobre a vida GLS da cidade e discussões sobre o universo gay (ver figura 4). Teve seu nome substituído por *Rota Mix Uberlândia*, ganhou uma versão colorida e outra na Internet³⁵. Este informativo tem agora melhor qualidade e maior tiragem de exemplares, permanece divulgando as representações do homoerotismo criadas pelos (as) próprios (as) homossexuais (ver figuras 5 e 6).

Consideramos que os folhetins e informativos não são simplesmente veículos de divulgação de propaganda e, nem é apenas numericamente que poderemos perceber o seu alcance no meio LGBT da cidade. Neles se procede também a elaboração de um discurso coletivo de diferenciação de forma positiva, de oposição ao discurso da sociedade envolvente acerca da homossexualidade. Num certo sentido, estes são também instrumentos de resistência discursiva que promovem a construção de fronteiras de significação e de diferenciação.

Evidentemente, que o discurso veiculado pelos informativos não se constitui apenas, nem, sobretudo, por formas verbais ou textos escritos. Passa antes pela elaboração daquilo que comumente se designa por “cultura gay”, pela partilha de níveis de significados particulares e por um estilo de vida que corresponde, mais do que a uma experiência homossexual, a uma vivência identitária traduzida na expressão “ser gay”. Esta perspectiva claramente se coloca em oposição aos estereótipos produzidos pelos (as) heterossexuais, mostrando a homossexualidade como uma conduta legítima dentro do repertório sexual humano.

A esse respeito é importante citar um trecho do editorial publicado no número 2 do informativo *Rainbow Mix Magazine*, onde os editores falam da importância do mês das comemorações do Orgulho Gay.

E o Rainbow está de volta, já com muitas novidades,

*muitas mudanças para agradar os leitores de todos os tipos e gêneros. E esse mês também é mês do “Gay Pride” (Orgulho Gay)! Momento de sermos nós mesmos, independente da orientação sexual, da cor, da religião e se orgulhar de ser cidadão mesmo que ainda com muitas restrições. Mas o importante é acreditar e saber que somos capazes de mobilizar e transformar! Então não esquite com os “basfonds” tire o “modelón” do guarda-roupa e se joga!*³⁶ (sic)

Tal artigo constitui uma relevante amostra da criação de fronteiras simbólicas de demarcação entre o discurso homo e heterossexual. Os (as) homossexuais constroem dessa forma suas representações a partir da noção de cidadania e do respeito à diversidade, o que implica em descontinuidade ou ruptura com os modelos oficiais de atribuição de sentido para as identidades sexuais. Enquanto o discurso hegemônico com relação ao homoerotismo enfatiza os aspectos ligados à patologia, à delinqüência, à marginalidade, dentre outras características negativas. Existe desse modo, uma concorrência entre as representações constituídas por ambos os grupos com relação ao status da homossexualidade.

A existência desses informativos pode ser vista então, como um dispositivo simbólico contra-hegemônico, que se contrapõe às representações produzidas pelo discurso homofóbico. Algumas das características encontradas nos artigos, como a linguagem, os temas dos textos, as imagens e as figuras, por exemplo, fazem parte de um discurso oculto de oposição e resistência. Para Roger Chartier, as representações se encontram em um campo de concorrências e de competições cujos deságios se enunciam em termos de poder e de dominação³⁷. As representações são construídas em um campo de lutas que ocorrem no âmbito das práticas sociais. Ou seja, a realidade é um lugar de luta para fazer existir ou inexistir aquilo que existe.

A noção de representação permite compreender a relação dinâmica que articula a internalização pelos indivíduos das divisões do mundo social e a transformação destas pelas lutas simbólicas que têm por instrumento e risco as representações e as classificações dos outros ou de si mesmo.³⁸

³⁶ Editorial. Informativo Rainbow Mix Magazine, Uberlândia, junho de 2000, p. 1.

³⁷ CHARTIER, R. História Cultural – entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

³⁸ CHARTIER, R. Educação e História: rompendo fronteiras. Presença Pedagógica, São Paulo, v. 6, nº 31, 2000, p. 8.

³⁹ FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 2 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1981, p. 96.

⁴⁰ Idem.

Os jornais, os ambientes e os outros bens culturais derivados do meio homossexual constituem importante conjunto de elementos para contrapor-se à violência ou dissipar o preconceito. Conforme a máxima foucaultiana de que *onde há poder, há resistência*, não se pode deixar de lado as pequenas iniciativas que vão contra as formas de discriminação. Sobre isso, parece bastante esclarecedora a observação de Michel Foucault a respeito das noções de discurso e de resistência:

Deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mais precisamente não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (...) É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito do poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. (...) ³⁹

Para consolidar os ganhos recentes da militância e da resistência homossexual seria agora também necessário procurar criar novas formas de vida, de relacionamento, de amizade, de arte, cultura, através das opções sexuais éticas e políticas dos (as) homossexuais. Gays, lésbicas e travestis teriam então não só que se defenderem, mas também, se afirmarem tanto como identidade quanto força criativa. Conforme Foucault, não se trata aqui da simples criação de uma cultura homossexual e sim de uma cultura da qual o prazer faça parte. ⁴⁰

Referências

ABC dos gays. 2. ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1996, 43 p.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1987.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano*. As artes de fazer. 3 ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. *História Cultural* – entre práticas e

- representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. HUNT, L. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CHARTIER, R. Educação e História: rompendo fronteiras. *Presença Pedagógica*, São Paulo, v. 6, n° 31, 2000.
- CHAUÍ, M. *Conformismo e resistência*. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Dicionário de termos gays gera controvérsia. *Folha de São Paulo*, 08 de janeiro de 1997.
- Editorial. *Informativo Rainbow Mix Magazine*, Uberlândia, junho de 2000.
- FRY, P. e MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Gays querem mais espaço e menos preconceito. *Jornal Correio*, 04 de março de 1990.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- GREEN, J. *Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.
- Homossexuais têm novo “espaço livre”. *Jornal Correio*, 21 de julho de 1991.
- Homossexuais organizam a 8ª parada do Orgulho Gay. *Jornal Correio*, 19 de setembro de 2009.
- MACRAE, E. Em defesa do gueto. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo: CEBRAP, n° 2, 1983.
- MACRAE, E. *A construção da igualdade*. Identidade sexual e política no Brasil da ‘abertura’. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MENESES, I. Intimidade, norma e diferença: a modernidade gay em Lisboa. *Análise Social*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, n° 153, v. 34, 2000.
- PAIVA, E. F. *História & Imagens*. Belo Horizonte:

Autêntica, 2002.

PARKER, R. *A construção da solidariedade: Aids, sexualidade e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / ABIA, 1994.

PERREIRA, M.; RASERA, E.; JULIANO, A. & SILVA JUNIOR, M. *A comunidade GLBT de Uberlândia em uma nova perspectiva a partir da Parada do Orgulho Gay de 2007*. Uberlândia: UFU, PROEX, 2008.

PERROT, M. *Os excluídos da história – operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

PERUCHI, J. Movimento social LGBT e suas lutas por direitos na pauta da psicologia social latino-americana. MAYORGA, C.; RASERA, E.; PERREIRA, M. (Org.). *Psicologia Social. Sobre desigualdades e enfrentamentos*. Curitiba: Juruá, 2009.

POLLAK, M. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? ARIÈS, P. e BÉJIN, A. (Org.). *Sexualidades Ocidentais*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Quem mostra vende. *Revista Veja*, São Paulo: Abril, 19 de abril de 2000.

RASERA, E.; PERREIRA, M. Discriminação e violência contra homossexuais: uma análise comparativa entre Belo Horizonte e Uberlândia. RASERA, E.; PERREIRA, M. (Org.) *Psicologia Social. Sobre desigualdades e enfrentamentos*. Curitiba: Juruá, 2009.

Rio cria ‘esquadrão gay’ para atacar agressores. *Folha de São Paulo*, 13 de agosto de 1997.

SOIHET, R. *A subversão pelo riso*. Estudos sobre o carnaval carioca da *Belle Époque* ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*. A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 2. ed. São Paulo: Max Limonad, 1986.

Figuras:



Futebol das Drags

03/12
Domingo
16:00hs
Local:
Pça Sérgio Pacheco

SHOW C/ AS BANDAS:
Reverendo Jones, Vovó Poltergeist
Lísias e Banda, Tâmisia, Neusa e
Banda Classe A, Hellen Calça,
Edson Denizard, Renato Paiva e
Banda Macaxeira

Produção e Organização:
Cacá Martins, Fabrício Ferreira
Marcelo Coura

SORTEIO DE BRINDES DE PESSOAS FAMOSAS!!!

Evento Beneficente a FALE
Entrada: 1kg de Alimento não perecível

The poster features a central image of a drag queen in a dark, form-fitting outfit and high heels, holding a soccer ball. Surrounding her are several circular portraits of other drag queens. The background is bright yellow.

Figura 3: Cartaz de div

índia, 2001.

Marisa Monte - Gay Pride - Verônica

RAINBOW

MIX MAGAZINE

Ano I - nº2 - Uberlândia - MG

Reportagem : Por que eu sou gay ? - Léo Áquila

The cover features a black and white photograph of two drag queens. One is sitting on the floor in a crouching pose, wearing a light-colored outfit. The other is standing behind her, wearing a dark, patterned outfit. They are framed by a large, stylized 'X' shape. The background is light gray.

Figura 4: Capa do informativo *Rainbow Mix Magazine*, Uberlândia, nº 2, 2000.



Figura 5: Capa da revista RotaMIX Uberlândia, edição 6, 2001.

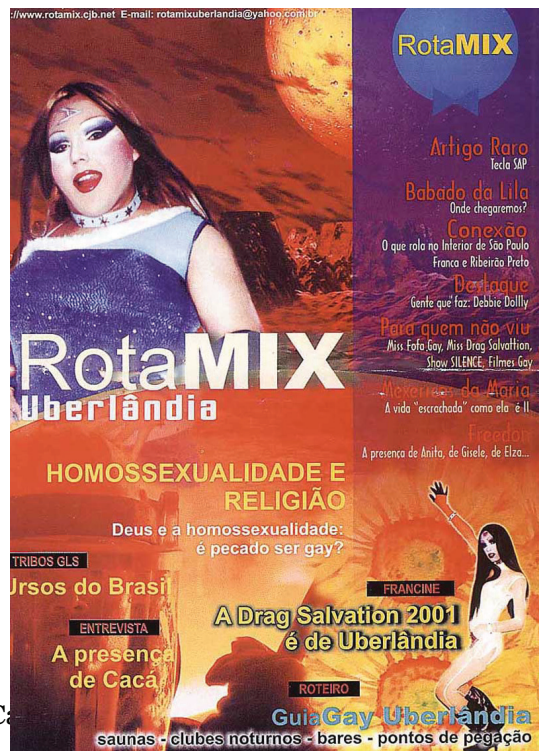


Figura 6: Capa da revista RotaMIX Uberlândia, edição 7, 2001.

*Texto enviado em 12/05/2011. Aprovado em 10/06/2011.